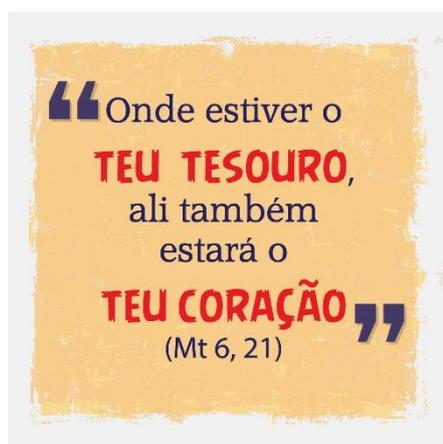


PROJETO DE VIDA 2019 - Iluminação bíblico-teológica

Entre tesouros e corações: o lugar de Deus em nossos Projetos de Vida

Ir. Raquel de Fátima Colet, FC



¹⁹Não ajuntem para vocês riquezas na terra, onde traça e ferrugem corroem, e onde ladrões arrombam e roubam. ²⁰Ajuntem sim para vocês riquezas no céu, onde nem traça nem ferrugem corroem, e onde ladrões não arrombam, nem roubam. ²¹Porque, onde está o teu tesouro, aí também estará o teu coração.

1. Provocações iniciais

Como **escola confessional**, nossas leituras de realidade e relações são mediadas pelas lentes da **Sagrada Escritura**. Ela nos ensina a olhar o mundo com os olhos de Deus, intuindo e assumindo em nossas atitudes e ações pessoais e comunitárias o que entendemos como **vontade de Deus**. Nesse discernimento, olhamos para **Jesus de Nazaré** e contemplamos em sua encarnação o cumprimento dessa vontade: *“eu não vim para fazer a minha vontade, mas a vontade Daquele que me enviou”* (Jo 6, 38). No centro desses querer de Deus está o Reino enquanto proposta de vida em abundância para todos e todas (Jo 10, 10).

Nossos **Fundadores** destacam a importância dessa disposição de se deixar conduzir pela vontade divina. Para Vicente, aqueles/as que a isto se propõem verão *“seus caminhos irradiando plena luz e sempre fecundos em frutos”* (SVP Coste XI, p. 48)¹. Para Luísa, o amor

¹ Versão em português (Belo Horizonte, Editora O Lutador, 2016).

à vontade de Deus é também expressão do vínculo que nos une como irmãos e irmãs e evita “parcialidade e pequenas espertezas ou acordos em grupos, em coisas contrárias à caridade mútua” (LM c. 123, p. 145)².

Desse modo, percebemos que o que chamamos de vontade de Deus perpassa inevitavelmente nossa relação com Deus, com os/as irmãos/ãs, com o mundo que nos cerca. Assim, afirmar que “isso ou aquilo é vontade de Deus” é uma responsabilidade e um compromisso muito grande, que implica uma sincera e profunda experiência de escuta e discernimento das moções do Espírito.

Acompanha essa abertura a Deus a convicção de que esse nosso entendimento será sempre limitado pelas ambiguidades de nossa condição humana. Significa que não há como falarmos em vontade de Deus sem antes refletirmos sobre o quanto de nossas percepções e vontades estão envolvidas naquilo que dizemos que “Deus quer”. Significa também que nós não detemos o monopólio sobre o querer de Deus, que não faz acepção de pessoas (Atos 10, 34); é um “bem-querer” que se tece no amor, na liberdade e na gratuidade, mas que também nos coloca em um movimento de assumir pessoal e comunitariamente essas prerrogativas em nossas relações.

No cotidiano da **ação educativa**, a vontade de Deus que buscamos intuir e viver não se reduz a motivações religiosas, subjetivas e por vezes emocionalmente condicionadas que acompanha ritos ou ato de cunho religioso que realizamos.

A vontade de Deus é a pergunta sobre a razão de ser de nossa missão; é o horizonte que orienta nossas opções institucionais, pedagógicas e pastorais; é o dinamismo fecundo de nosso carisma como expressão de amor-serviço à humanidade e ao mundo; é o sentido de nosso jeito vicentino de educar que se traduz concretamente nos valores que orientam nossa presença e nossa ação.

² Esta carta redigida em janeiro de 1645 destina-se às Irmãs Filhas da Caridade do Hospital São João, em Angers. Considerando a chegada recente de algumas Irmãs à obra, Luísa as recorda que as “tantas ocasiões que [tendes] de servir a Deus e aos pobres” as situa numa mesma e comum missão de fazer a vontade divina, de modo que não existe motivos para competições ou divisões na comunidade. Luísa também roga a para que vivam “uma santa união e cordialidade, formando todas uma só vontade com a Sua” (LM, c. 123, p. 145).

2. Sobre projetos de vida, tesouros e corações

Entendemos **Projeto de Vida** como o dinamismo existencial em todas as suas dimensões e processos, que orienta nosso ser e estar no mundo, nossas escolhas, sonhos, cosmovisões. No horizonte de nossa experiência de fé pessoal e comunitária, e do carisma que nos é próprio, podemos dizer que nossos projetos de vida traduzem nossa busca por intuir, discernir e viver o querer de Deus sobre nós.

Na experiência cristã, a tarefa de discernimento da vontade divina passa pela escuta atenta da Palavra de Deus presente na Sagrada Escritura. Ela não nos oferece respostas prontas e acabadas, mas nos insere numa atitude fundamental que é a do **discipulado**. Desde o Primeiro Testamento, a comunidade bíblica é um povo aprendente, que busca perceber e contemplar a **presença e a ação de Deus na história**. No Segundo Testamento esse movimento vai acompanhar a vida dos discípulos e discípulas de Jesus, e o itinerário das primeiras comunidades.

A perícopé bíblica que nos interpela neste ano foi extraída do Evangelho de Mateus 6, 21: “Onde estiver o teu tesouro aí também estará o teu coração”³. A passagem está inserida no contexto do chamado Sermão da Montanha, que engloba os capítulos 5 a 7. Sobre o monte – e aqui recordamos a simbologia bíblica do monte como o lugar da morada e do encontro com Deus - Jesus proclama às multidões os ensinamentos fundamentais acerca do Reino⁴. Nesses capítulos estão relatos como as bem-aventuranças, o Pai Nosso, o jejum e a esmola, a relação com o próximo, com os bens e o poder; a **justiça** figura como um tema central dessa parte e do conjunto da obra matiana. Considerando que os interlocutores diretos do evangelista são os judaizantes, ou seja, os judeus convertidos ao cristianismo, Mateus apresenta o discurso de Jesus considerando as leis e práticas judaicas.

O versículo em questão conclui o tema iniciado no versículo 19 que fala da provisoriedade das riquezas da terra e da permanência das riquezas do céu. **A opção por uma ou outra constitui o tesouro de uma pessoa e explicita onde reside seu coração**. Recordamos que na cultura semítica o coração não tem a conotação romantizada e sentimental que, por vezes,

³ A passagem também está presente no evangelho de Lc 12, 34.

⁴ Para aprofundar o tema do Reino de Deus sugerimos uma releitura do documento da Pastoral Escolar Vicentina – Identidade, Missão e Ação, p. 16ss.

assume em nossa cultura, mas é entendido como o lugar das opções fundamentais, a sede das decisões humanas. Na lógica de nossa temática, podemos dizer que

o coração é o lugar do discernimento, da construção e da vivência de um autêntico um Projeto de Vida.

O texto aborda a provisoriedade dos “tesouros terrenos” no sentido do acúmulo, da absolutização de seu valor, e não de seu uso. Hoje falamos muito, por exemplo, do uso responsável dos bens, sejam eles os recursos naturais ou aqueles provenientes do trabalho. Como seres históricos demandamos “bens” imanes para a manutenção da vida. Se desconsideramos isso, incorremos no risco de uma leitura demasiadamente espiritualista que desfigura o sentido do texto.

O acúmulo, porém, inverte essa relação, nos coloca como escravos desses bens e concorrentes dos/as irmãos. Da mesma forma, fomenta e sustenta a desigualdade, a exploração, a violência, a injustiça. Esse tipo de riqueza é combustível para as ambições doentias e egoístas, para projetos de vida autorreferenciais e reféns das próprias vontades.

Por outro lado, as riquezas do céu não se corrompem porque contemplam uma outra **dimensão**: tocam a interioridade do humano, a sacralidade da vida, os vínculos afetivos, o lúdico e o belo, o cuidado coexistente, a experiência de transcendência mediada por diferentes percepções espirituais e religiosas. A tarefa de juntar riquezas no céu é paradoxalmente a disposição ao não-acúmulo, à não equiparação de nossas identidades com nossos bens materiais, a classe social que fazemos parte ou as estruturas de poder que integramos. Se o “céu” não é um lugar com divisas demarcadas, nele não há espaços para nossos “cofres” pessoais e nossos planos estratégicos que alienam a vontade de Deus às nossas vontades.

Assim, uma pergunta basilar para percorrermos nosso itinerário de Projeto de Vida nos coloca a pergunta: **onde está o nosso coração?**

3. Um tesouro comum

Entendemos que **um Projeto de Vida é uma construção permanente**. Enquanto vivermos estamos fazendo e refazendo opções, escolhas, itinerários de vida. Isso não quer dizer que essas opções sejam provisórias ou ocasionais, ou que mudamos de opção como mudamos de roupa, por exemplo. De acordo com nosso desenvolvimento biopsíquico, cognitivo, relacional, espiritual, observamos um conjunto de discernimentos e opções que nos acompanham para cada fase da vida. É essa percepção que nos possibilita uma relação integrada e integradora com o tempo, a corporeidade, a subjetividade, as relações, o conhecimento.

Nossa tarefa enquanto educadores/as é contribuir no discernimento dos tesouros que permanecem, começando pelos nossos. Partimos da pergunta por onde está o nosso próprio coração, quais são nossas opções fundamentais, nossas ambições e projetos, o perfil das relações que cultivamos, o grau de nosso compromisso com nossa missão-vocação na educação. Nossas “riquezas terrenas” não são necessariamente o capital financeiro, mas pode ser nosso egoísmo narcísico, o apreço pela fama, mentalidade consumista, a autossuficiência que se manifesta na resistência à colaboração e ao trabalho em equipe, a falta de transparência e sinceridade em nossas relações, nossas intolerâncias e resistências às mudanças.

Por conseguinte, olhamos para nossa ação educativa e também nos indagamos onde pulsa o coração desta. A simples busca de resultados quantitativos, números de sucesso em *rankings* institucionais, visibilidade no mercado, modernização de estruturas, multiplicação de projetos e atividades pode figurar como conformidade com os “bens terrenos”. Não estamos dizendo que não tenham a sua importância, mas não podem ser o fim último da missão; são consequências ou mediações que se orientam para os tesouros permanentes que integram nossas opções e práticas.

Nesse percurso, os valores que assumimos se apresentam como balizas privilegiadas que articulam sujeitos e contextos, memória histórica e atualidade, fé e vida, rigor científico e competência pedagógico-pastoral, engajamento sociocultural e educação para a interioridade. Eles nos permitem gerar indicativos de como estamos nos movendo no percurso

do que assumimos como vontade de Deus. **Acolhida – Diálogo – Colaboração – Espiritualidade – Criatividade – Solidariedade – Sustentabilidade** são nossas chaves de leitura para o discernimento dos tesouros que cultivamos e ‘acumulamos’ em nossos projetos de vida.

4. Para ampliar nossos horizontes

A complexidade do mundo e das relações interpela nossa capacidade de superar os discursos retóricos, superficiais e romantizados das multifacetadas “vontades de Deus”. O fenômeno que assistimos nas últimas décadas, sobretudo junto às juventudes, de crescimento de pessoas que dizem crer em Deus sem necessariamente estarem vinculadas a uma tradição religiosa, pode ser um sinal do esvaziamento de nossos discursos religiosos. A desatualização da linguagem, por vezes ainda refém de categoriais arcaicas e incapazes de serem compreendidas pelas pessoas de nosso tempo; a insuficiência de contextualização da narrativa religiosa no desenvolvimento da cultura e da sociedade; a desconexão entre a formulação doutrinária e o cotidiano da vida, são fatores que levam muitas pessoas a se perguntarem sobre a relevância das tradições religiosas.

Se por um lado as pertenças institucionais estão fluídas, por outro lado a sensibilidade religiosa de modo algum está adormecida. Emerge uma verdadeira sede do sagrado e um campo vasto de possibilidades de respostas e experimentações. Essa efervescência não está alheia ao mercado, que vê nesse campo uma possibilidade ímpar de lucratividade. Assistimos a verdadeiras performances mercadológicas que atuam junto ao imaginário religioso do povo e que apresentam a fé como um produto passível de ser adquirido. Até mesmo as religiões mais tradicionais se veem enredadas nessas tendências. São como “tesouros da terra”, provisórios, revestidos de “tesouros do céu”.

É comum nos depararmos com discursos efusivos e contrapostos que proclamam “Deus quer isto, Deus quer aquilo”, o que nos levam à perguntar - afinal, quantos ‘deuses’ há? E por que para uns manifesta querer algo e para outros quer exatamente o contrário?

Os discursos religiosos da atualidade explicitam esse cenário paradoxal de um “deus” que quer muitas coisas e de crentes que advogam exclusividade de interpretação daquilo que ele quer. Ficamos com a pergunta: quanto de nossa vontade tem naquilo que costumamos dizer que é vontade de Deus? Nosso discurso sobre Deus nos aproxima ou nos distancia dos/as irmãos/ãs?; nos cerceia em nossos guetos religiosos formados por aqueles/as que pensam como nós ou acalentam nossa vocação de cidadãos/ãs do Reino, o qual não se prende às nossas gaiolas de conceitos pré-fabricados? Como falamos de Deus para nossos/as interlocutores/as na missão: atuamos como se fossemos seus “assessores de imprensa” ou assumimos a atitude de discípulos/as?

Quando nos propomos a dinamizar nossa ação-reflexão educativa⁵ na lógica de Projeto de Vida nos dispomos ao empenho conjunto de integrar nossas cosmovisões religiosas à integralidade de nossas trajetórias existenciais em todas as suas dimensões.

Essas provocações são pertinentes à nossa presença e ação como Educação Vicentina visto que a missão educativa que assumimos é tecida pelas fibras de um carisma, de uma história e de um projeto de identidade espiritual e religiosa. *A educação é para nós um caminho de descoberta e vivência da vontade de Deus, fecundada pela Palavra de Deus e mediada pelas experiências apostólicas dos Fundadores e daqueles/as que os procederam.* Tudo que fazemos – da linguagem que usamos com nossos/as interlocutores à natureza dos conceitos que orientam nossa proposta pedagógica – tudo isso transmite uma mensagem sobre Deus.

Para os tempos de hoje torna-se insuficiente pensar a experiência religiosa no âmbito educativo simplesmente como proposição de ritos e/ou práticas orantes, celebrativas, embora eles sejam momentos privilegiados de cultivo interior, partilha e vivência da fé. Não obstante as contradições desse universo, temos a possibilidade de tocar em questões mais

⁵ A citação do termo *reflexão* aqui é intencional, pois é preciso superar o equívoco de que reflexão não é ação, e também considerar a distância entre teoria e prática é, por vezes, minimalismo conceitual e mecanismo de fuga quando não compreendemos que as duas estão imbricadas e são inseparáveis.

essenciais e estruturantes. Sabemos o quanto o conjunto de crenças de indivíduos e coletivos atua sobre a formação de suas personalidades e suas opções fundamentais – o que estamos designando como Projetos de Vida.

A escola é, por natureza, um espaço plural, encontro de diferentes experiências, trajetórias, visões de mundo e também discursos religiosos. Essa pluralidade envolve de modos diferenciados todos os sujeitos da comunidade educativa. Nela encontramos desde visões de famílias que entendem a função da escola confessional como delimitadora de padrões comportamentais onde o elemento religioso é o normatizador da moral e da ordem, às visões de adolescentes e jovens cujo foco está numa preparação qualificada para a vida acadêmica e o mercado de trabalho, talvez indiferentes à dimensão religiosa que constitui a identidade da Instituição. Como abordar esses diferentes olhares sem ignorar seus sujeitos, mas também sem instrumentalizar a mensagem?

Dialogar com abertura, competência e gratuidade com essas diferentes expectativas nos parece ser um contributo original que podemos oferecer como educadores/as. **Nossa identidade carismática nos capacita para isso.** Se estamos atentos/as ao desenvolvimento e atualidades da ciência pedagógica, das tendências da educação do futuro, por que ainda somos resistentes em tocar com propriedade o *status quo* da experiência religiosa na escola? Por que ainda somos tentados a reproduzir falas soltas e tendenciosas da Palavra de Deus sem contexto, usando-as como pretexto para dizer o que nós queremos dizer ou o que a alguns apraz ouvir?

Nosso desafio é empreender uma releitura lúcida, contextualizada e propositiva de nossa confessionalidade, articulando herança histórica e contemporaneidade, discernindo por exercício o que tematizou o início de nossa reflexão - a vontade de Deus sobre nós e sobre nossa ação educativa. Isso não significa teorizar ou complexificar os processos, mas tocar e comunicar o que é essencial; na lógica do carisma vicentino, esse é o verdadeiro sentido da simplicidade: a verdade, as coisas como elas são. Esse é o perene e criativo tesouro que foi depositado em nossas mãos, no qual somos chamados/as a depositar o nosso coração.